

Crônicas memorialísticas descortinam cenários baianos: Maria Feijó (Alecrim do tabuleiro, 1972) e Luzia Senna (A estrada por onde passei, 2010)

Maria José de Oliveira Santos ¹

Resumo:

Segundo Josso (2004) reviver consiste em ir ao encontro de si visando a compreensão que viagem e viajante são apenas um. No contexto das experiências Souza (2006) destaca que a arte de narrá-las instaura-se em um processo metanarrativo manifestado na retenção da memória. Para Delory-Momberger (2008) as memórias sugerem aprendizagens representadas pelas vivências que empurram ao passado, trazendo à tona os encadeamentos da vida. Maria Feijó (**Alecrim do tabuleiro**, 1972), descortina a Alagoinhas do século XX, ressaltando conflitos e prazeres em meio a descrições diversas. **A estrada por onde passei** (Luzia Senna, 2011) memoriza uma época em que colocava seu traje a caminho da lavoura e o desejo ver-se matriculada em uma escola. Sob a égide do pensamento patriarcal foram regadas e através da escrita manifestaram conflitos e desejos, revelando cenas de tempos de submissão das mulheres.

Palavras-chave: Literatura, gênero, memórias.

Palavras iniciais

Ítalo Calvino em **As cidades invisíveis** (1990) traz à tona rica diversidade de cidades das quais destaco “As cidades e a memória”, “As cidades e o desejo”, “As cidades e os símbolos” e “As cidades e o nome” para iniciar deste texto e explico: as escritoras baianas Maria Feijó de Souza Neves e Luzia das Virgens Senna trazem a cena representações de cidades e lugares baianos por onde viveram e passaram através de crônicas, que podem ser pensadas como gênero cuja finalidade consiste em atingir a recepção leitora. Assim como repórter a/o cronista se inspira em acontecimentos e, após cercar-se de cenas cotidianas inclui em seu texto elementos ficcionais e críticos que o texto informativo não apresenta obrigatoriamente, expondo sua forma de compreender o mundo que o cercam. Como Calvino, ao longo das suas cidades invisíveis (certamente visíveis!), penso que,

Os estudos sobre memória são uma rubrica geral de investigação que tem por objetivo a análise das diferentes formas pelas quais somos moldados pelo passado, consciente ou inconscientemente, na esfera pública ou na esfera privada, de forma material ou comunicativa, e de modo consensual ou conflitual. (OLICK; ROBINS, 1998, p. 24).

A valorização das cidades, no século XX é comum, porque as mudanças sociais e políticas configuram um convite à vivência das transformações de toda ordem do comportamento, configurando-se como matéria substancial para pesquisa e estudo.

Em Alagoinhas não foi diferente e a cidade se transformou em alvo para contemplação. Mediante a riqueza dos dois textos literários este estudo apresenta a cidade como tema central, pois consegue trazer a cena momentos histórico-culturais do século XX,

tendo como objetivo geral analisar cenários citadinos através da produção de duas mulheres que vivenciaram e escreveram sobre uma época na qual o pensamento patriarcal predominava e cujas famílias o seguiam a risca. E isto é possível porque o texto memorialístico, tingido profundamente pela subjetividade literária transborda sentimentos diante de situações que tocam o ser humano. Por isto, mesmo diante de tantos impasses conseguiram colocar em prática seus pensamentos como forma de manifestação de ideias e pensamentos.

Reviver pode ser considerado como um exercício que reconstitui, pois tanto causa alegria como saudade e vice versa. Segundo Josso (2004) essa prática consiste em ir ao encontro de si visando descoberta e compreensão que viagem e viajante são apenas um. Em se tratando de narração de experiências Souza (2006) destaca que a pessoa parte dos sentidos, significados e representações, logo a arte de narrar como descrição de si instaura-se em um processo metanarrativo, expressando o que ficou retido na memória. As relações construídas nos cenários entrelaçam-se em linhas e traços de várias formas no processo de construção da vida humana. E desse entrecruzamento são tecidas as narrativas, pois escrever sobre as próprias experiências permite compreensão e conhecimento de si de forma mais profunda.

Conforme Delory-Momberger (2008) as pessoas não apenas se narram como se reinventam no (re) fazer e suas memórias refletem aprendizagens representadas nas histórias. A memória empurra ao passado por meio do presente configurando uma viagem imperdível e necessária para que uma pessoa traga à tona os encadeamentos históricos da sua vida ou do outro. Contar histórias é um modo de comunicação, pois o cotidiano humano é marcado pela troca de experiências considerando as formas como são contadas e/ou vividas. (SOUZA, 2008). As pessoas que narram suas histórias relembram o que aconteceu, buscando possíveis explicações e assim vão se integrando aos acontecimentos que edificam sua vida individual e social. Narrar a própria história implica avaliar, ou ao menos, tornar familiares sentimentos que se confrontam e se interligam com as experiências, remetendo a novas expectativas, quer no sentido prazeroso quer no que transmite repulsa, indignação e sofrimento. E a partir dessa ideia as mulheres têm muito a contar.

Segundo Ívia Alves (2005) a primeira tentativa de a mulher sair do encarceramento que lhe confinaram foi por meio da escrita, pois ao escrever lança-se ao espaço público e começa a perceber as barreiras que a prendiam ao espaço fechado. Assim, o engenho literário possibilita trazer à tona informações em quaisquer campos daí a pertinência dos estudos memorialísticos e autobiográficos, sobretudo os realizados pelas mulheres face sua conflituosa história de vida. Crônicas, poemas e romances possibilitam rememorar cenários diversos e esta atividade é recorrente na historiografia literária nacional.

Neste texto apresento as cercanias sugeridas por Maria Feijó e Luzia Senna, por perceber que, ao longo de suas manifestações literárias sempre retornam as terras onde nasceram e por onde andaram (e andam), no caso de Luzia Senna que ainda convive entre nós. A memória pode ser pensada como um objeto complexo que necessita de análise apurada de suas operações entre o nível individual e o coletivo, tratando-se de um debate que remonta ao século XIX, e que atravessou o século XX, e nele juntam-se intelectuais das ciências sociais, filósofos, sociólogos e psicanalistas para discuti-la. No cerne das memórias concentram-se lembranças resultantes de experiências:

Se a vida nutre a ficção, as vivências constituem materiais privilegiados. A criança vive situações e registra impressões além de sua maturidade e fogem à sua compreensão mais profunda. Guardados na memória essas impressões e registros fogem à sua compreensão mais profunda [...] afluem à mente do adulto capaz de melhor compreender e encontrar significados e acomodações de sentido. (FONSECA, 2005, p. 77).

Nesse confronto as impressões tornam-se, para o mundo da ficção, elementos de recriação e estruturação como uma argamassa que pode ser configurada em forma de biografia, romance, crônica e poema. As experiências e vivências das escritoras baianas que constituem o *locus* deste texto podem ser consideradas como “Seres de papel, como quer Roland Barthes, mas que, por sua força sedutora, ganha um estatuto de realidade no imaginário do leitor, preso à força hipnótica do texto, onde se fixam seus olhos, onde se marca o compasso do ritmo pulsional de sua respiração”. (BRANCO; BRANDÃO, 2004, p. 17). E foi esta força poética que as suscitou trazer à tona suas andanças perpassadas de conflitos, prazeres, alegrias e saudades os quais serviram de incentivo para que elas lançassem mão de uma caneta (ou lápis, ou computador) e as escrevesse.

O Alecrim do tabuleiro de Maria Feijó¹

Maria Feijó, em **Alecrim do tabuleiro**, escrito entre 1970, 1971 e 1972 e publicado no Rio de Janeiro (1972), constituído por trinta crônicas, descortina Alagoinhas do começo do século XX, ressaltando conflitos e prazeres em meio a descrições de ruas, praças, rios, pessoas, incluindo sua família. A leitura das crônicas permite adentrar em cenários lembrados pela recepção leitora do período e a inquieta população atual que, na maioria das vezes, desconhece acontecimentos passados. A escritora inicia o livro explicando “A razão deste livro” de onde foram retirados trechos sugestivos:

Se a cada um de nós fosse permitido o direito de fotografar a vida nas suas mais ditas etapas e colecionarmos num grande álbum como painéis do tempo para, nos momentos de necessária meditação nele nos fixarmos em gostoso retrospecto tal uma fuga aos dias agitados do presente, de buscas e procuras incansáveis, que bom seria!

As crônicas que se seguem bem, poderiam chamar-se de mosaicos de um tempo que passou, estórias em quadrinhos, ou melhor, estórias em quadros grandes e médios e até REMINISCÊNCIAS, pois grafadas no papel da maneira que as vi e senti, tão unas e reais como uma colcha de retalhos.

A crônica “Os caprichos de uma rua” (1972, p. 17) homenageia a Rua do Catu, rebatizada Conselheiro Junqueira, pois “Fala de perto às minhas memórias e cala profundo às minhas evocações, porque quando muito profundo não me calasse, é personagem do meu romance, do romance que a vida me fez escrever e, uma grande parte da vida nela vivi”.

¹ Maria Feijó de Souza Neves nasceu em 1918 (Alagoinhas) e faleceu em 2001 (Rio de Janeiro). Sua posição social não impediu que passasse pelos conflitos das mulheres: morando parte da juventude em confortável sítio afastado do centro sua adolescência foi marcada pelo controle da mãe orientada pelo pai. No campo da educação influenciou a juventude quando as jovens saíam apenas para a igreja e quermesses em campanha das famílias e suas iniciativas provocaram insatisfação das mulheres, tornando-se a primeira da cidade a comandar um programa de rádio (1950), além de ser editora de um jornal masculino na década de 30 (**Alarma**). Escreveu em periódicos na Bahia e no Brasil e o resultado de seu trabalho rendeu-lhe menções e títulos espalhados na Bahia, no Brasil e em Alagoinhas. Publicou mais de vinte livros destacando-se: **Bahia de todos os meus sonhos** (livro de estréia em 1966), **O pensionato**, **Paraíso das moças**, **Alecrim do tabuleiro**, **Pelos caminhos da vida de uma professora primária**, **Perfil da Bahia**, **Velejando**, **Panorama de Alagoinhas**, **Minha doce Alagoinhas**, dentre outros.

(1972, p. 17). Ao longo da crônica descreve os prazeres de conviver com o rio Catu que “[...] quando ‘cismava’ de engordar suas águas, espalhando-se por toda a largura da rua, fazendo subi-las, barrentas e lodosas, até passarem uma velha ponte existente...” A Rua do Catu a que Maria Feijó se refere já não se encontra mais localizada afastada do centro da cidade, que cresceu: “[...] rua pacata, distante, suburbana, simples, arenosa, lamacenta, pobre, esquecida pelo resto da população da Cidade” (1972, p. 20). Ao final da crônica sugere a rua e Alagoinhas como mulheres vestidas a rigor:

[...] você queria coisa melhor, vestido mais caro, mais em vigor, mais na moda. E veio. E teve. E você ganhou seu asfalto. Satisfaz os seus caprichos, que não deixam de ser... caprichos de mulher [...] de uma mocinha que se fez mulher no longo de seu vestido, no seu vestido de baile, de debutante, bem feminina é sua história... (1972, p. 21).

Em “Férias de verão”, em plena Copacabana, indo de ônibus ao trabalho a crônica transporta Maria Feijó “[...] a um passado um tanto remoto, mas presente em mim, e me vejo no Farol da Barra, na Cidade do Salvador, no auge do verão, aproveitando, totalmente, meus três meses de férias de professora primária... (1972, p. 23). A escritora retorna ao passado em Alagoinhas quando se realizava como professora primária:

Broto amigo, mais ainda da parte feminina, ouça-me, por favor e... se puder, siga o meu conselho: queira ser PROFESSORA PRIMÁRIA² [...] profissão quão espinhosa, mas também tão nobre, indicada, ajustável, amoldável à alma, à vida da mulher, principalmente em Cidade de Interior, dando continuidade àquele clássico ‘esposa-e-mãe’, a ele, perfeitamente acrescentável: MESTRA! (1972, p. 23).

Em “Coisas de infância” rememora escolas tradicionais à época (“Escola Jesus, Maria, José”) bem como ruas (“Situava-se na Rua José Olímpio, num amplo casarão que, de muito até aqui, foi transformado talvez numa das bonitas moradas de que se pode orgulhar o bairro residencial de Alagoinhas”):

Coisas de infância permanecem latentes, nítidas, em nosso subconsciente e, lá um dia, sem que o queiramos, tomam um impulso, enchem-se de força e vêm à tona, emergindo do seu emaranhado e distante mundo, para retratar-se do seu emaranhado mundo adulto, como uma fuga às atribuições rotineiras. (1972, p. 26).

Como se fosse uma complementação da crônica anterior em “Os arco-iris se perderam nas nuvens” a escritora continua impregnada de saudade das ruas e casas e a “[...] cidadezinha querida foi ficando distante... distante...” (1972, p. 32).

“Os carnavais que se foram...” relembram cenas do Rei Momo passadas na Praça J.J. Seabra (Praça do Jardim) onde a população já convivia em meio a cenários sociais distintos:

² A escrita de Maria Feijó se faz acompanhar de reticências e a grafia de palavras e frases em destaque.

Os automóveis abertos, dos ‘magnatas’ da Cidade, com suas respectivas famílias, geralmente, geralmente mocinhas e rapazinhos (por enquanto não havia ‘play-boys...’) fantasiados com fantasias iguais – para moças, umas, e rapazes, outras. – Saias enormes, rodadas, quais flores abertas, de dentro surgindo o miolo em rostos joviais de lindos sorrisos, cobrindo quase toda a parte anterior do carro da capota arriada, hoje totalmente desaparecido, adornavam mais ainda a mocidade daqueles sorrisos [...]

Os da classe ‘média alta’ alugavam um ‘carro de praça’ e no domingo e ‘terça feira gorda’ faziam seu belíssimo carnaval...

“Psicologia de duas ruas” – Jacaré e Tupy Caldas – marca os períodos vividos pela escritora nesses locais, ressaltando que a Rua do Catu foi a última onde residiu, seguindo-se pela Rua do Jacaré (atual Visconde do Rio Branco) e posteriormente Caminho do Rio ou Tupy Caldas, pois Caminho do Rio é uma denominação sem estética. Não esquece Santa Terezinha localizada “[...] lá para as bandas da rodagem velha rumo ao Riacho da Guia, Inhambupe, etc”. Descreve a Rua do Jacaré como velha e feia e quando chovia “[...] os buracos proliferavam, ‘enfeitando-a’ e as enxurradas barrentas (para nossa alegria infantil) nela achavam campo, descendo grossas no leito construído de barro e areia”. Quando depara na Rua do Jacaré ressalta que esta se reveste de “[...] um primitivismo sem limites: nada possuía de atrativo, nem digno de nota”. A Rua Tupy Caldas, de nome pomposo,

[...] desempenha grande, importante papel na minha vida: foi nela, num sítio muito querido e memorável, em que nasci. De gratas recordações, pois lá vivi os melhores tempos da vida – toda a infância e um pouco de adolescência –, junto a meus entes queridos, num mundo adorável só de doçuras feito, longe da malquerença do mundo dos outros... dos GRANDES. (1972, p. 45).

Pela convivência mais demorada nessas ruas a escritora ressalta aspectos interessantes das duas no contexto das relações:

As duas quase se confundiam na insignificância que as revestia, sendo a TUPY-CALDAS muito pior, não somente pelo desconhecimento por parte dos habitantes do ‘outro lado da cidade’, como, e muito mais, pela falta total de conforto, mínimo que fosse, vinda do Poder Executivo local, para os moradores humílimos que nela habitavam em todo o meu tempo de residência ali. Para a do JACARÉ, pessoas pobres, operários da Estrada de Ferro, pedreiros, alfaiates, fogueteiros [...] costureiras de segunda categoria, etc. formavam sua população humilde, modesta, sem projeção nenhuma no âmbito citadino.

A crônica também apresenta uma feição mais recente das ruas: a Rua do Jacaré foi calçada de paralelepípedo, enfeitada com canteiros e bonitas residências. A Tupy-Caldas ainda conserva laivos provincianos, porém não mais cheia de velame, desabitada e suburbana como quando a conheceu e desabafa:

(Se eu um dia fosse PREFEITA de Alagoinhas, garanto que daria uma roupa nova e bonita a essa rua. Ela bem que merece. Tem esperado tanto... E com que paciência!). [...] Para mim, sempre valeu até mais que ouro, se existir o quê, pois foi lá que aprendi a viver a vida, engatinhei os primeiros passos, usufrui do mundo, suas vantagens, enfim, onde fui feliz em intensidade e amei os momentos mais doces e ternos que deveriam ter na vida todas as criaturas: a infância e o amanhecer da adolescência... (1972, p. 47).

Em “... Porque não vou a futebol” informa que morava distante do centro e o campo de bola localizava-se ao final da Luis Viana ponto extremo da rua onde morava. De vez em quando aparecia um time da “Bahia” e a cidade se alvoroçava em torno da pacata e fechada Rua Luis Viana, que dava continuidade a Rua 13 de Maio, mais proletária que nobre:

Aliás, dessa espécie, em Alagoinhas de meus verdes anos, havia poucas ruas no seu leito, ao que me lembre: a do Cruzeiro, onde se destacavam algumas famílias importantes, tradicionais da terra, como as do Sr. Vitor Farani, cujo palacete lá se encontra até hoje com legítimos representantes, ainda, inclusive, a única professora de música – Ines Farani – que resistiu ao tempo [...]; a do Dr. Pedro Dória, vindo já, da tradição do genitor, Sr. Zé Dória; a do Sr. Vicente Argelo, Dr. Chaguinhas [...], Dr. Carlos Azevedo [...], Sr. Mario Cravo [...] são as que me vêm à memória: a do Teresópolis e a Luis Viana. (1972, p. 55).

O motivo da crônica reside no fato de a escritora receber uma bolada na cabeça e “Nunca mais futebol para mim! (1972, p. 55).

Assim, resumidamente, apresento fatos que sugerem Alagoinhas em meio aos conflitos da população, que vive suas transformações, as quais nem sempre são aceitas por todas as pessoas da cidade. Maria Feijó indigna-se e se muda para o Rio de Janeiro (onde falece) em busca de outras realizações pessoais e profissionais. Mas, anualmente, retorna a sua inesquecível cidade natal.

A estrada percorrida por Luzia Senna

Do romance **A estrada por onde passei** (2011), escrito por Luzia das Virgens Senna, natural de Queimadas, resplandece uma época em que a sertaneja colocava seu traje apropriado e se encaminhava à lavoura ao tempo em que alimentava o sonho de morar em uma cidade grande para melhorar sua vida e da futura família. Luzia Senna narra façanhas alegres e tristes entre as fazendas São Joaquim, São Miguel, São Bento, Encantada, Alegrete as cidades de Aramari e Alagoinhas, breve passagem pelo Rio de Janeiro e o retorno a Alagoinhas onde reside até a atualidade. Os trinta e nove textos sugerem acontecimentos sociais, culturais, educacionais, econômicos e religiosos que enriqueceram sua vida em meio a histórias de famílias, ruas, praças, cidades, festejos e mudanças.

O livro de crônicas apresenta como abertura um poema de autoria da escritora:

Quem é ele
Aqui estão alguns trechos
Da estrada por onde passei
É uma estrada bonita,
Cheia de curvas
Mas muitas planícies ela tem
Não sei para onde vou
Também não sei de onde venho
Só sei dizer que caminho
Procurando um alguém
Que neste planeta sofrendo
Ele caminhou também
Estou falando daquele
Que veio pregar o amor
E todos sabem quem é ele,
Ele é o Cristo Redentor.

Em seguida, explica a razão do livro:

A estrada por onde passei
No Brasil existem muitas fazendas, algumas são tão bonitas que até parece um paraíso. Nelas vive o homem do campo, o caboclo caipira, que vive sossegado longe das cidades onde a vida é agitada, confusa, e as pessoas não têm tempo para contemplar a natureza, à noite na fazenda o céu é mais bonito, as estrelas mostram mais brilho, a lua é mais formosa. Durante o dia, também podemos ver melhor a beleza do céu, suas cores são mais alegres, as nuvens alvas se parecem com algodão deslizando num tapete azul.
Quando a noite não tem luar o zumbido dos insetos parece zoar mais alto enquanto podem ser apreciados e os pirilampos demonstram seu balé.
Começo este livro comentando sobre fazendas, porque é numa delas que estão minhas raízes. E, por esta razão sinto-me uma pessoa honrada, motivo pelo qual me faz desabrochar o desejo de descrever a estrada da minha vida.

No primeiro texto, “Fazenda São Joaquim”, informa seus dados pessoais³ citando seus avôs e sua família, enfim.

Em “Uma boa lembrança” conta sobre seu nascimento e seu amor por Vovô Dindinho Telésforo, que foi quem escolheu seu nome e a menina cresceu, mas nunca esqueceu a cantiga que ele entoava para ela:

Ó negra perigosa só é Luzia
Ela dá no coice, ela dá na guia.
O cavalo dela é uma nivilha
O cachorro dela é uma cutia,

³ Luzia das Virgens Senna nasceu em 26 de junho de 1946, na Fazenda São Joaquim, localizada no município de Queimadas-BA, filha de Irineu Gomes das Virgens e Cândida Ferreira das Virgens. Autora de três livros e vários cordéis congrega a Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL) e a Academia de Letras e Artes de Alagoinhas (ALADA).

A sela dela é uma rodilha... (2011, p. 16-17).

Na imaginação da escritora a Fazenda São Joaquim é “Um jardim do Éden”, título de outro texto que compõe o livro, pois nela se vivia “[...] uma felicidade sem fim. (2011, p. 20). Em “Uma gota d’água” assim se expressa sobre a Fazenda:

A Fazenda São Joaquim não existe mais, porém, como uma gota d’água no oceano seus grãos de areia fazem parte do Planeta Terra. Apesar de algumas lembranças tristes sinto-me feliz por ter nascido na Fazenda São Joaquim e guardo boas lembranças dos meus primeiros anos de vida. (2011, p. 26).

Na “Fazenda São Miguel” descreve as transformações familiares, mas quando a escritora vai a passeio ao sertão relembra “[...] banhos de rios, brincadeiras com as primas, caçadas aos ninhos de passarinhos [...] Todas essas aventuras deixavam minha mãe com cabelos brancos, eu guardo na memória e sei que jamais esquecerei. (2011, p. 28).

Face dificuldades sua família passa por Alagoinhas para ir a Fazenda São Bento em vez de ir para São Paulo que era o habitual à época. Em “Estação de São Francisco” a sensação de viajar de trem mexe com suas emoções e a chegada a Alagoinhas é assim descrita:

Pouco antes do por do sol chegamos ao destino, Estação de São Francisco, em Alagoinhas. O movimento era intenso, abraços pra lá, abraços pra cá dos que chegavam e dos que partiam, alguns choravam as despedidas porque mais uma vez o trem partiu com destino a Salvador. [...] Quando a noite chegou acenderam-se as luzes, fiquei admirada! Nunca tinha visto luz elétrica, só conhecia luz de candeeiro, quantas coisas maravilhosas têm uma cidade! (2011, p. 36).

Na “Fazenda São Bento” matriculou-se em uma escola, pela primeira vez, para sua felicidade.

Sua vida foi instável no que se refere a mudanças e seu pai resolve mudar para “Alegrete” e, quando estavam aclimatados na Fazenda São Bento seu pai resolveu se mudar para outra localidade, e mais uma vez sentiu a dor da saudade, levando lembranças.

Do Alegrete seu pai resolve mudar para Alagoinhas e morar em um sítio localizado no Jacaré de Dentro, depois para a Rua do Catu e, por fim, no Riacho do Mel.

Em meio a idas e vindas conheceu Osmar (1962) com quem se casou (1964) e constituiu família não sem antes trocarem cartas de amor. Depois de casada foi morar em Aramari e ficou feliz por morar em uma cidade. Mas, com a morte trágica de seu pai Osmar convida Luzia para morar em Feira de Santana e, posteriormente, Rio de Janeiro. A família gosta do tempo vivido no Rio, mas resolve voltar para a Bahia, conforme “Meu aconchego”:

Mas, como todo tempo passa e tudo tem seu dia, passou também o tempo do Rio de Janeiro e chegou o dia de voltarmos para Bahia. Quando meu marido decidiu voltar pra Bahia vendeu a Kombi e, ao chegar em Alagoinhas não tinha mais casa, nem carro, nem emprego.. Só o que não lhe faltava era coragem pra lutar, trabalhar, porque sempre foi e será um

verdadeiro 'herói'. (2011, p. 74).

O romantismo de Luzia Senna derrama-se nas descrições carregadas de metáforas que configuram conflitos de uma mulher que começa a estudar sozinha, pela imitação, e no desenrolar de sua vida atinge seu desejo: escrever livros. Graças a generosidade de sua família – que custeava seus livros – rememora cidades e fazendas que passaram pelas suas experientes estradas de vidas.

Considerações finais

Narrativas memorialísticas associam-se a histórias de tradições e experiências ao evocar e avaliar fatos e experiências cotidianas. Sob o pensamento patriarcal as escritoras foram regadas e através da escrita manifestaram (in) satisfações e desejos diante de cenários citadinos que, perto ou longe, não conseguem esquecer. Evocar permite interpretar recordações a partir da singularidade de cada história enquanto processo de conhecimento que a narrativa de si favorece.

As produções literárias de Maria Feijó e Luzia Senna contribuem para esses estudos, porque sugerem passagens das vidas de mulheres cujas representações resultaram de memórias da infância, meninice, adolescência e vida adulta no contexto familiar e profissional incluem-se as histórias vividas em praças, ruas, escolas, rios, pontes, estação ferroviária e trens, permitindo desenhar cidades dos períodos e contextos demarcados e relacioná-la aos tempos atuais.

As escritoras baianas permitem, através de suas produções memorialísticas, que sejam analisadas situações reveladoras de episódios marcantes para as cidades e seus cenários multiformes e diversificados em tempos ainda de submissão das mulheres.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. **Interfaces**. Ensaios críticos sobre escritoras. Ilhéus: Editus, 2005.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Trad. de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FEIJÓ, Maria Feijó. **Alecrim do tabuleiro**. Crônicas evocativas de Alagoinhas. Rio de Janeiro: Max, 1972.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

SENNA, Luzia das Virgens. **A estrada por onde passei**. São Paulo: Scortecci, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de, MINGNOT, Ana Cristina Venancio (Orgs). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quarteto: FARPEJ, 2008.

¹ Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS II). Mestra em Letras (Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura. Tema: Crítica e historiografia literária baiana (UFBA). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UEFS). Grupos de pesquisa: GEREL: Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens. Linha 3: Produção didático-pedagógica de base resiliente. DIADORIM: Grupo de estudo de gênero e sexualidade. GRAPHO: Estudos Memórias e autobiografias. Autora e coordenadora do Projeto História Literária Alagoinhense e da Extensão Lendo Alagoinhas através de textos literários e informativos: revirando e revivendo memórias. marmano@oi.com.br; marmano2010@hotmail.com